

Narrativas do coletivo: os associativismos das guardiãs de sementes da paixão¹

Juliana Constantino do Rosário (UFF/RJ)

Resumo

Por meio desta comunicação, busco apresentar reflexões sobre duas experiências associativas mobilizadas por guardiãs de sementes da paixão da Paraíba e, ao mesmo tempo, contribuir para o debate constitutivo da filosofia ecofeminista, que se ancora em relações e práticas que se articulam em espaços de *cuidados* com diversas formas de vida. Uma das experiências associativistas se ancora em reuniões do banco de sementes de Itatuba, cujas participantes lutam em prol da conservação das sementes crioulas, além da produção de remédios para autoconsumo e consumo das famílias. A outra se objetiva na criação do Clube de Mães, que fomenta diversas formações para as guardiãs de sementes e fomentou a criação de banco comunitário em um distrito de Campina Grande, Paraíba. Os procedimentos das ações coletivas configuram processos de cooperação que incluem humanos, não humanos, casas e coisas e de projeção de mudanças sociais e pessoais. As experiências selecionadas foram primeiramente elaboradas no Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado em 2022 ao Curso de Ciências Sociais da UFF/Campos, sob título “NÃO PLANTO TRANSGÊNICO PARA NÃO APAGAR A MINHA HISTÓRIA!”: Narrativas do Particular e Associativismos das Guardiãs de Sementes da Paixão na Paraíba. O conhecimento das guardiãs releva a preservação das sementes crioulas que interligam vários aspectos explicitados por narrativas familiares e locais, preservadas por meio da transmissão oral de conhecimentos de gerações passadas, bem como à autonomia alimentar e fins medicinais, enfim, e reprodução da diversidade genética.

Palavras-chave: Associativismos; Guardiãs de Sementes da Paixão, Sementes Crioulas.

Introdução

A Paraíba possui diversos movimentos associativos, como o Banco Comunitário de Semente de Itatuba e o Clube de Mães Iracema da Silva Gomes. As narrativas das guardiãs de sementes da paixão presentes nesta pesquisa demonstram que, por meio da associação de mulheres em torno da conservação das sementes crioulas e da produção de remédios, as famílias alcançam segurança alimentar, condição política e constroem as suas “histórias” ou expectativas singulares.

O associativismo instituído entre as guardiãs de sementes da paixão da Paraíba contribui para a autotransformação, re-ocupação e autonomia política entre elas. Se são elas as mais afetadas pelas transformações da Revolução Verde, pela insegurança alimentar e pelo descumprimento de direitos, também são elas quem mais se movimentam para reverter a situação, buscando construir uma sociedade “justa,

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

solidária e equitativa” (Seibert 2019, p. 29).

As sementes plantadas na roça/quintal de casa além da subsistência, garantem o cultivo das histórias das pessoas e das famílias, como Dona Maria, que conserva as sementes crioulas guardadas pelo pai, este que herdou igualmente as sementes crioulas deixadas por seu pai e que já ganhou medalha como produtor modelo na região e recebeu as sementes de seu pai. A guardiã define seu trabalho pela palavra “amor”:

Herdei as sementes do meu pai, ele guardava do meu avô. Hoje eu guardo as sementes dele (milho, feijão, fava, mandioca). Eu amo o que eu faço, eu amo a agricultura, eu amo a terra, eu me realizo. Eu no meu roçado tô realizada. Agora, nessa época, tá tudo tão bonito, o roçado, tá uma maravilha, você olhar assim, o campo de milho, o campo do feijão prosperando. Você saber que logo mais você vai ter fartura, você vai sair de feira, você não vai tá comprando feira. Isso é muito maravilhoso. E você plantar, você vê o resultado daquele seu trabalho, principalmente com o alimento. Eu acho que a agricultura é uma das coisas mais importantes que existe. Não tem outra igual a agricultura, porque não tem indústria de comida, tem pra beneficiar, mas se você não plantar, não vai ter. Então pra mim, é isso, é muito amor. É muito amor que eu tenho pela terra, por esse pedaço de chão que meu pai deixou. Meu pai é falecido, faz 1 ano que meu pai faleceu, mas ele criou a gente tudinho nesse pedaço de terra e deixou cada um amparado com seu roçado (Dona Ana Maria, maio de 2022).

As práticas mais imediatas de associativismo consistem nas reuniões do banco de sementes de Itatuba, onde, além de as mulheres se reunirem em prol da conservação das sementes, também se reúnem para produzir remédios e xaropes, sendo uma atividade de grande importância para elas. Paralelamente, a experiência associativa se concentra na criação do Clube de Mães, associação que fomentou diversas formações para as guardiãs de sementes de Campina Grande, bem como a criação do banco comunitário de sementes da comunidade.

Tais práticas associativas além de contribuírem para as dinâmicas de sociabilidade local, também constituem um cenário frente a agricultura moderna, por meio da conservação das sementes, da cooperação e do cuidado coletivo. O compartilhamento de conhecimentos, práticas e crenças, estabelecem relações e parcerias em busca de soluções para suas próprias demandas. Nesse sentido, aspectos políticos, econômicos e culturais das relações sociais estão envolvidos em todo processo (Pereira, 2017, p. 8).

Sementes da Paixão

Tem outro que multiplica a semente da paixão. Semente selecionada, com uma boa produção. E no banco de sementes, ter a distribuição. Semente que por herança até já fez casamento, que garante o futuro, ela tem conhecimento. É protegida por Deus, esse sim é alimento! (Declamação feita por Dona Solange, Janeiro de 2021).

As sementes crioulas recebem denominações de acordo com a territorialidade das militantes, os conhecimentos de guardiãs e guardiões envolvidos no manejo, bem como a relação que estas/es atribuem a tais sementes. Elas são distintivamente chamadas de sementes da paixão na Paraíba; variedades crioulas no Paraná; sementes das famílias no norte de Minas Gerais; e sementes pretas no Triângulo Mineiro. De acordo com a associação AS-PTA - Agricultura Familiar e Agroecologia², essas sementes são plantadas em conformidade com o regime das chuvas e sua resposta às especificidades do clima das regiões.

Pinto et al. (2020) apontam que as diferentes formas de nomear as sementes crioulas estão atribuídas à grande e intensa destruição de florestas e matas nativas na década de 1970, fomentada pelos governos militares na América. Por meio de políticas governamentais e com a expansão das fronteiras agrícolas no Cerrado e nas regiões da Floresta Amazônica, garantiram condições legais para a introdução e o uso disseminado do agrotóxico no Brasil, colocando em risco todas essas variedades de sementes.

Com o crescimento do capitalismo no campo, especialmente no Brasil durante o século XX, transformações significativas ocorreram na agricultura. A modernização das áreas rurais nas décadas de 50, 60 e 70 não apenas industrializou as cidades, mas também o campo. O movimento deu origem à agricultura moderna, que marca uma ruptura na história agrícola em termos de sustentabilidade. Com a agricultura moderna, surgiram as sementes comerciais e insumos externos, como pesticidas, agrotóxicos, adubos químicos e maquinários, mudando radicalmente o modelo de produção de alimentos.

[...] o setor agrícola capacitou-se para atender à demanda urbano-industrial, assim como para garantir a forte participação do Brasil no mercado agrícola internacional. O SNCR permitiu ainda a consolidação da articulação entre os capitais industrial e agrícola,

² AS-PTA (aspta.org.br)

forjando a base para a constituição dos complexos agro-industriais, dando unidade econômica à aliança política entre as burguesias rural e urbana, através do processo de territorialização do grande capital (Alentejano, 2020, p. 229).

O projeto, “ancorado na geopolítica da descolonização e da Guerra Fria”, transformou as questões agrícolas com base na industrialização, na modernização agrícola, na reforma agrária, e nas tecnologias da Revolução Verde. A reforma agrária no mundo capitalista inseriu produtoras e produtores de sementes, por exemplo, nas relações de mercado como produtores de pequenos *commodities*. Esta foi uma reforma liderada pelo Estado e, mais tarde, pelo mercado, que favoreceu o poder dos latifundiários em detrimento da terra e das necessidades de subsistência da população rural, pobre e sem terra (Mcmichael, 2016).

A reconstrução da agricultura norte-americana no período pós-guerra combinou programas nacionais que consolidaram uma forma de agricultura intensiva em capital, baseada na especialização em *commodities* (sobretudo, grãos básicos), com um regime internacional que desovava excedentes agroindustriais (ibidem, 2016, p. 50-51).

Como resultado, novos hábitos de plantação e de agricultura assalariada começaram a se desenvolver nas áreas rurais, o que alterou a tradicional forma das famílias agricultoras de colher, armazenar e plantar sementes em suas próprias terras. Iniciou-se a comercialização de sementes, seguida da instalação de mecanismos industriais de controle de parasitas e insetos mediante ao uso de insumos químicos, como a instalação de modelos de produção em larga escala. O surgimento de tal modelo é marcado pela substituição de preocupações com o meio ambiente, desencadeando todo um processo de degradação do solo, perda de biodiversidade e conhecimento local (Pinto et al. 2020, p.182).

Na perspectiva do capitalismo, “a natureza é entendida como um recurso colocado a serviço do processo de crescimento econômico, sem valor ou significado em si mesmo” (Orozco, 2021, p. 55). Tal pensamento, influenciado pelas práticas coloniais de dominação e exploração dos ecossistemas, povos indígenas, comunidades quilombolas e famílias agricultoras, exerce um impacto crucial na maneira como entendemos e experienciamos o mundo (De Andrade, 2019).

Consagradas como sementes da paixão, as sementes crioulas da Paraíba, ficaram assim conhecidas após referência feita pelo agricultor Cassimiro Caetano Soares, “Seu Dodô” que, no encontro estadual sobre sementes realizado em 1998

declamou:

O que eu quero plantar é o milho jabatão, o feijão corujinha e a fava cara larga, e não a semente que vem de fora. Essas são minhas sementes da paixão. Cada um tem suas sementes da paixão e é nessa diversidade que nós temos que nos apoiar (Silva e Almeida, 2007, p. 17 apud Paulino, Gomes, 2015, p. 518).

A semente da paixão é reconhecida como símbolo de vida abundante, expressão do cuidado com a alimentação e com a terra. Ao plantar as sementes da paixão, as famílias agricultoras também semeiam sua história e compartilham seus conhecimentos. São sementes que conectam as gerações passadas às gerações atuais, assegurando o patrimônio genético e cultural das variedades, a soberania e a segurança alimentar das famílias e os saberes acumulados ao longo do tempo. São preteridas, porque não são tóxicas e promovem a produção de alimentos saudáveis, a solidariedade, e o autogoverno. Estas sementes podem ser doadas, comercializadas e trocadas gratuitamente, simbolizando a liberdade e a circulação das/os agricultores.

Valorando a narrativa sobre as preservações das sementes, dona Zefinha, referência para outras guardiãs de sua região com as quais conversei, acompanha o processo de “resgate” do feijão guandu — variedade de feijão deixado de ser cultivado pelas famílias, pois remetia à época da fome. Inicialmente, perguntei o que ela diferentemente plantava em relação à época de seus pais e como se deu o processo de retomada do plantio:

Eu plantei de diferente foi o guandu. O guandu, a gente tá voltando a plantar. Aqui a gente tem um pouquinho de guandu e estamos tentando passar para os agricultores a importância de aumentar essa planta de guandu na comunidade. Dá muito bem o guandu aqui na região. É um tipo de feijão. [...] Pessoal aqui deixa de plantar, porque diz que o feijão guandu, ele parece feijão do tempo de fome [risos]. Só quando vem uma seca mesmo... pega o guandu, porque ele é mais resistente a seca, aí não tinha nada pra comer, catava o guandu e comia com um pouco de água [risos]. Aí o povo diz que o feijão guandu é feijão do tempo da fome. Ninguém quer plantar. E agora depois do banco de sementes, aí é que a gente tá tendo formação, né? Aí a gente tá descobrindo a riqueza que tem o guandu, né? (Dona Zefinha, janeiro de 2022).

A guardiã das sementes admite que não trabalha na agricultura desde que nasceu, pois, nas palavras dela: “bebê não trabalha”. Porém, lembra que, aos 7 anos, seu pai a presenteou com uma enxada de seu tamanho, feita exclusivamente por ele. Desse modo, ela afirma que seu trabalho sempre foi a agricultura. Seus pais também

foram agricultores, tinham, desde a época, a prática de armazenar as próprias sementes em casa.

As narrativas sobre resgate das sementes crioulas de dona Roselita e de sua irmã, Rosita, fazem parte dos principais ensinamentos aprendidos com seus pais, conhecimentos que as irmãs consideram extremamente importantes para a construção de um futuro possível para as novas gerações. Para dona Roselita, conquistar um futuro saudável e orgânico, só é possível através do “resgate das sementes crioulas” que — com o avanço do agronegócio, com as leis de proteção de sementes, mudas e cultivares e com as frequentes liberações de agrotóxicos, vem sendo cada vez mais comprometidas. As irmãs ressaltam seus métodos de proteção das sementes e os ensinamentos que elas estão passando para suas filhas e filhos;

Desde o meu tempo de criança que a minha mãe sempre guardou as sementes, teve muitas qualidades. E aí a gente tava vendo que elas estavam sumindo do mercado, sumindo da agricultura. Ta desaparecendo as sementes orgânicas, as sementes crioulas... Aí a gente está tentando resgatar elas tudo de volta, porque a gente sabe que é importante, tanto pra gente, como para os nossos filhos, os nossos netos. Aí a gente não quer que elas se acabem, a gente quer que passe de geração em geração. Para que eles saibam que tudo isso aconteceu e é muito bom. Porque, os meus avós eram agricultores, os meus pais são agricultores, eu nasci e me criei na agricultura e hoje, eu tô vendo tudo isso acabando. E a gente não quer que tudo isso acabe, a gente quer que tudo isso permaneça... As sementes crioulas, para que a gente tenha uma alimentação saudável, para que a gente possa ter uma agricultura sustentável, para que os filhos e os netos conheçam tudo isso também [...] A gente está lutando sobre isso, porque se acabar as sementes crioulas, a gente não tem uma alimentação saudável, a gente não tem um plantio saudável também. E isso vai fazendo com que a semente crioula vai acabando, e a gente não tem um futuro melhor. A gente pensar no futuro, é muito melhor, porque os nossos filhos, netos, vão conhecer. Eu incentivo muito os meus filhos... Eu tenho uma fazenda agroecologia, eu incentivo ela a seguir em frente, porque eu não quero que lá na frente ela diga “mamãe não me ensinou nada do que ela aprendeu sobre as sementes”. Porque eu sou analfabeta, eu só sei assinar o meu nome, mas eu agradeço a deus tudo o que minha mãe me ensinou sobre a agricultura (Dona Roselita, maio de 2022).

A gente cultiva uma semente que está há 40 anos na nossa família, eu e Roselita e minhas outras irmãs. A gente sabe que é da agricultura que a gente tira o nosso alimento, o pão de cada dia. É isso que eu falo para o meu filho, ele faz agroecologia e eu fico orgulhosa dele, porque eu sei que ele vai seguir o meu caminho. Eu sou agricultora desde que nasci... Já plantei todo tipo de semente, mas sem perder a minha semente crioula, porque a minha semente crioula pra mim é tudo. Eu sou agricultora desde criança, eu me

sinto orgulhosa. Pra mim, cultivar a minha comida, para eu comer sem veneno, sem agrotóxico, sendo sadia, eu me sinto orgulhosa. E eu aconselho a qualquer pessoa que goste da agricultura, que continue, que não deixe morrer essas sementes crioulas, que cultive, que pegue amor a terra, as plantas e as sementes, que as sementes pra gente é tudo. Aqui eu tenho o costume de falar “não habita o dente que come a semente”, porque quem come a semente, não tem uma semente boa depois para plantar. Tem que guardar no banco de sementes, esperar o outro ano chegar pra gente plantar e continuar plantando e colhendo. Faz mais de 15 anos que eu trabalho para o banco e eu sempre digo isso para as pessoas: “gente, não vamos perder as sementes crioulas”. Porque as sementes crioulas são tudo; de jerimum, de feijão, de milho, de batata, de maniva de macaxeira, isso é o que eu cultivo. Sempre com muito amor. Desde criança que eu planto maniva de mandioca e de macaxeira... Eu tenho amor por essas plantas, por essas sementes, por essas raízes e sementes que eu gosto de plantar. Isso pra mim é o maior orgulho que eu sinto. Quando eu tô com precisão, eu vou no pé, arranco uma macaxeira e ponho no fogo... isso satisfaz muito a gente. É da onde a gente tira o pão de cada dia... Se as pessoas desistirem da agricultura, vai se acabar o que é bom (Dona Rosita, maio de 2022).

Dentre os “processos de resgates” apresentados nos relatos das guardiãs, observei que as ações, tanto de conservação de sementes, quanto de criação de bancos comunitários, se orientam pela lógica de interdependência da reciprocidade. Esta economia se fundamenta no viés do compartilhamento dos bens comuns, como as sementes da paixão, as quais não podem ser medidas pelos parâmetros da economia clássica, das trocas e intercâmbios comerciais e monetários. Tais parâmetros se opõem deliberadamente com as propostas dos bancos comunitários de sementes (TeschE, 2007, p.16). Dona Lita avalia sua relação com as sementes:

Olha, a minha avaliação em relação a essas sementes é assim: como se a semente fizesse parte da minha vida. Eu não sei viver sem as sementes, sem esse movimento, essa doação, essa multiplicação, essa conservação. Porque é como se a gente tivesse guardando a memória de nossos pais, nossos avós, né? E a gente guarda a memória, porque se a gente acaba, acaba as sementes, os antepassados da gente, nossas origens. Nossa ancestralidade vai ficando esquecida, porque a gente lembra deles através daquilo que a gente vê. Já pensou se eu tivesse deixado acabar essas sementes que eram do meu avô, do meu bisavô... quando eu digo assim “do meu bisavô”, eu digo meu, porque, foi dele que eu conservei. Mas essas sementes vão longe. Tantas pessoas de outros Estados, de quilombos. Tem um quilombo no Maranhão, que eu fui lá ministrar uma oficina de remédio caseiro com as mulheres, passei lá 5 dias. Foi uma experiência maravilhosa e levamos os produtos daqui pra lá. Tudo que você achar, e de lá pra cá também, né? E eu trouxe de lá essa saia³, porque é muito bom. É uma coisa... é um intercâmbio

³ Trata-se de uma planta que se destaca devido às suas propriedades e benefícios medicinais.

da vida que a gente leva e é muito bom. E a gente guardar as sementes, é guardar a memória, é guardar as lembranças, é estar presente na vida dos nossos antepassados, trazendo eles presentes para nossa vida. E é muito importante, porque a gente... digo assim, o banco de sementes é aqui na minha casa. O banco é na minha casa, porque eu tinha esse espaço disponível pra fazer, só que ele vai muito longe... muito longe. Porque as sementes são multiplicadas, eu tenho muito prazer quando vêm fazer intercâmbio aqui e cada um sai com uma muda. Teve um padre que veio uma vez junto com a equipe e o padre dizia assim “tá parecendo a procissão de domingo de Ramos”, porque todo mundo ia com mato na mão, todo mundo tinha uma muda. [risos] Eu utilizo muito saquinho de arroz, saco de feijão, saquinho de açúcar. Ai eu furo, e saiu plantando muda. Planto aleatoriamente, quando o povo chega, aí já leva, “ah, eu queria um pé de Noni”, “ah, Lita, me dá um pé de ora-pro-nóbis”, “ah, eu quero levar um pé de araruta”. E tudo tem mudinhas. Mas, quando se vai todo mundo com aquele pé de planta na mão, o padre disse “eu vou fazer uma foto, porque isso só pode ser a procissão de Ramos” [risos] do Domingo de Ramos. Isso é muito gratificante, e a mesma coisa quando eu vou nos outros, eu trago também sementes. E é uma coisa que faz parte da minha vida, as sementes fazem parte da minha vida, fazem parte da minha família (Dona Lita, Janeiro de 2021).

Bancos Comunitários de Sementes Crioulas

A conservação e multiplicação das sementes crioulas acontece há séculos por meio das mais diversas práticas dos povos da terra, das águas e das florestas. As atividades, como a coleta e cultivo de grãos, deram origem à agricultura e à domesticação de espécies anteriormente “exóticas” em espécies agrícolas, resultando em novos e seguros recursos alimentares (Pinto et al, 2020). “Juntos, plantas e seres humanos apresentam uma evolução conjunta na história da Terra e demarcam a forte relação entre a diversidade biológica e a diversidade cultural” (ibidem, p. 178).

Para romper com os modelos hegemônicos de produção, as famílias agricultoras buscam estratégias próprias de manejo e conservação das sementes. Surgem então os bancos de sementes, cujo princípio é a guarda e a multiplicação de sementes crioulas e mudas. São organizados e mantidos por grupos de pequenas agricultoras e agricultores, os quais se associam voluntariamente, visando obter o direito a empréstimos de uma certa quantidade de sementes.

Em geral, os BCSs funcionam por meio da confiança e dos laços de afinidade e de parentesco, sendo as sementes e mudas, moeda corrente. São ambientes que asseguram às famílias a produção de suas sementes e a destinação de uma parte da

produção para um estoque comunitário coletivamente gerenciado. As famílias buscam selecionar os genótipos mais adequados para sua terra, a fim de assegurar que as sementes crioulas se aperfeiçoem de forma natural (Gofi, 2017).

Quando perguntei à dona Ana Maria o que o banco de sementes significava para ela, a palavra usada foi liberdade. Ela conta:

Pra mim ele significa liberdade, porque antes desse banco, ficava esperando a Prefeitura ou Estado, que todo ano eles fazem a doação de sementes para os agricultores, mas quando essa semente vinha a chegar, já tinha passado a época do plantio e já chegava tarde, atrasada. Às vezes você nem lucrava mais porque atrasou a planta. Porque aqui na região nordeste é assim, choveu, plantou. Se você demora, você não vai lucrar mais nada não. E depois do banco, a gente tem essa liberdade de no tempo de você plantar, você tem essa semente, pra não tá dependendo de ninguém. Você sabe que você tem a sua semente pura garantida, que é: chegou o tempo, você vai lá buscar. Você não vai mais depender de Prefeitura, de Estado, você não vai depender de ninguém. Pra gente foi uma melhorada, a gente se libertou dessas esmolas que esses políticos dão pra tapear, porque é só pra tapear. E às vezes uma semente muito, muito ruim, uma semente contaminada, cheia de veneno e isso pra gente não é interessante. E agora a gente tem, chegou o tempo a gente planta sem depender mais de ninguém. Só de Jesus mandar a chuva. (Dona Ana Maria, maio de 2022).

Dona Gabriela, por exemplo, “nasceu na agricultura” e, até hoje, possui as sementes (fava mulatinha, fava orelha-de-vó, feijão macassar e vagem roxa) que foram deixadas por seus avós para os seus pais e de seus pais para ela;

No tempo dos meus pais, era assim: plantava os feijões, plantava as sementes, né? Aí tirava o de comer e guardava o de plantar. Aí a seca chegava, sabe? E faltava o feijão de comer, então entrava no de plantar. Quando chegava o tempo de plantar, eles iam comprar pra plantar, era assim, era aquela luta. Agora não, agora formou um banco de sementes aqui em uma casa. Uma casa pequena, mas é uma família, aí nós tira o de comer e guarda o de plantar. Aí nós só pega quando é o tempo de plantar. Pode chegar o tempo de faltar o de comer, mas graças a Deus ainda não faltou, mas nós deixamos lá guardadinho. Isso é muito gratificante pra mim, porque eu aprendi com meus pais... com meu pai, com minha mãe. Eu aprendi muito mesmo [...] eles conheciam bem mais semente do que eu, eu queria ter o conhecimento que eles tiveram (Dona Gabriela, maio de 2022).

Observei que os bancos representam e suscitam às mulheres rurais alternativas ao desenvolvimento de associativismo, promovendo redes de cuidado, acesso a cursos de formações diversas, troca de informações e de sementes, produção de artesanatos e remédios, etc. Correspondem a tecnologia social indispensável, garantindo a proteção

das sementes crioulas, autonomia e soberania alimentar das famílias agricultoras. São, portanto, uma tecnologia social desenvolvida pelas próprias famílias.

Geralmente, os BCSs se fundamentam pela associação voluntária das agricultoras e agricultores que, em conjunto, vão selecionar, multiplicar e armazenar as sementes crioulas para o uso coletivo da comunidade. Promovendo a multiplicação e conservação das espécies, o banco garante a reposição do estoque comunitário de sementes. Além disso, registra as histórias das sementes e das pessoas, promovendo trocas de informações e conhecimentos. Por exemplo: os saberes que envolvem a seleção e o armazenamento das sementes compartilhados entre as agricultoras e agricultores, são saberes que muitas das vezes foram aprendidos com as gerações anteriores e, portanto, resgatados pelo banco de sementes.

Além de proporcionar maior autossuficiência diante da centralização do mercado de sementes, os bancos também são recursos de produção de objetivos e referenciais comuns, ambientes de sociabilidades e construções políticas entre as populações rurais.

Associativismos das guardiãs de sementes da paixão

O associativismo entre guardiãs de sementes da paixão pode ser compreendido a partir do contexto histórico e social do associativismo rural no Brasil. Segundo Da Silva Moraes (2021), as formas de organização coletiva no campo evoluíram com a participação ativa dos camponeses, que estabeleceram movimentos e organizações sólidas como o sindicalismo, o cooperativismo e o associativismo. Essa evolução foi impulsionada por diferentes atores e contextos históricos, especialmente após a lei nº 7.449 de 1945, que incentivou a criação de associações com o objetivo de promover a parceria e a solidariedade entre as/os agricultores (Neves, 2011).

O associativismo também pode ser entendido como uma forma de ação coletiva, baseada na reciprocidade e na cooperação entre agricultoras e agricultores. A ação coletiva é definida como o esforço conjunto de indivíduos para atingir um objetivo comum, destacando a importância do engajamento voluntário (Da Silva Moraes, 2021)

A agricultura familiar, no contexto da ação coletiva, é marcada por práticas de parceria, ajuda mútua e acordos coletivos, elementos tradicionais que se baseiam em laços de confiança e reciprocidade (Chayanov, 1981; Shanin, 2005; Putnam, 2005

apud Da Silva Moraes, 2021).

Neves (2011) argumenta que as associações devem ser vistas como parte de um projeto coletivo ou uma ideologia de integração, destacando a importância das redes de suporte. A luta dos movimentos socioterritoriais pelo acesso à terra e a implementação da soberania alimentar são exemplos de como o associativismo pode ser uma estratégia eficaz para enfrentar desafios estruturais e promover a consolidação do campesinato como grupo responsável pela alimentação da população local.

As práticas associativistas têm possibilitado às mulheres enfrentar e superar os procedimentos excludentes da modernização da agricultura capitalista brasileira, assim como tem contribuído para inserções diversas que elas vêm alcançando em reuniões, intercâmbios, oficinas, feiras agroecológicas, marchas, entre outras atividades.

No banco de sementes de Itatuba, do qual dona Lita é gestora, há aproximadamente 20 mulheres associadas. Ela comenta que existe uma grande diversidade de sementes no banco: *tem uma diversidade, ó: jerimum roda de carro, jerimum de pescoço... Ai nós guarda nas garrafinhas, que é para multiplicar, doar para os agricultores que perderam suas sementes* (Dona Lita, janeiro 2021). De acordo com a gestora, são as mulheres que participam das atividades e que vão ao banco buscar as sementes para a família:

As agricultoras aqui se interessam, os maridos ficam lá, né? 'Oxe, to sem cimento', mas não vem buscar, nem vem participar, quando tem reunião sempre quem vem são as mulheres. Sempre as mulheres estão presentes (Dona Lita, janeiro de 2021).

Foi através dos encontros e reuniões, iniciados a partir do banco comunitário de sementes, que as mulheres descobriram uma espécie de milho contaminado pela transgenia na comunidade. Tal como dona Lita explica;

A gente se organizou em reunião e todo mês a gente tem reunião, e as mulheres vem trazer as dificuldades. Foi assim que a gente descobriu o milho da nossa região contaminado pela transgenia. Porque as mulheres começaram a dizer que o milho estava caindo de produção, num ano ele tá bom, no outro ano já dá mais ruim, no outro ano já é pior. Tá caindo de produção. E aí, através de Madalena... eu falava com Madalena, ela levou amostra de milho, de várias... espigas de vários roçados do pessoal, foi feito o teste de transgenia e o milho deu contaminado pela transgenia. Mas foi através das mulheres, porque elas é quem observa isso, elas são quem estão sempre à frente. É as que vem pra reunião, toda reunião. Quando tem 2 homens, tem muito. Quando tem 2 homens a gente bate palma, faz até bolo [...] Porque sempre foi isso, a gente chega e vê a reunião só de mulher, só tem mulher (Dona Lita,

janeiro de 2021).

Além da afiliação ao banco de sementes, a participação em reuniões entre outras atividades agrícolas, como a seleção e armazenamento das sementes, dona Lita orgulhosamente reconhece um trabalho de extrema importância para ela e para as associadas ao banco;

Nós temos um trabalho aqui com as mulheres do banco [...] a gente faz medicamento caseiro, com as plantas medicinais aqui do quintal, e a gente faz para as famílias. Se junta [...] mulheres, eu digo mulheres, porque os homens só vem 1 mesmo, né? E fazemos xarope, fazemos comprimidos. Nós chamamos as mulheres para as reuniões... reunião é meio chatinha [...] Ai quando termina, já dá o vidro. Quando termina de fazer, leva. Divide o xarope entre elas... entre nós, né? Ai a gente vai fazendo o xarope, fazendo o comprimido... pra tosse, pra limpeza do sangue. Às vezes é pra repassar... quando deu o milho contaminado, aí era pra passar que foi feito o teste deu que o milho tava contaminado. Ai fica 'é só pra isso?' Não é só pra isso, a gente não marca a reunião só pra isso, 'quando terminar, bora lavar as mãos, botar os paninhos na cabeça e fazer remédio' Elas adora! (Dona Lita, janeiro de 2021).

Figura 1 - Banco de Sementes de Itatuba



Fonte: Dona
2021

Lita,

Furtado da Silva;
Formighieri Giordani e

Bezerra (2021) afirmam que, embora o processo de lutas, opressões, expulsões, rupturas e mudanças nos sistemas agroalimentares liderados por mulheres e baseados na agroecologia e nos ecofeminismos, sejam “desafiadores e paradigmáticos”, concretizam a proposta de um projeto social, político e ambiental capaz de proporcionar as mudanças e transições necessárias para promover a segurança alimentar e nutricional.

Dona Zefinha relata que, por meio da criação do Clube de Mães Iracema da Silva Gomes — prática associativa criada há 13 anos pelas guardiãs de sementes da paixão de sua comunidade —, foi possível construir o banco de sementes. De acordo com a guardiã, “o clube de mães foi uma árvore que levou todas essas raízes, né? Para o nosso crescimento... o banco veio do Clube de Mães, é ação do Clube de Mães (Janeiro de 2021).

Buscando entender o que seria o clube e o intuito de sua formação, para além da conversa com dona Zefinha, que já foi gestora, conversei também com a sua irmã, dona Luiza, atual presidente do Clube. Dona Luiza começa contando que as mulheres que moravam próximas à casa de suas sogras, se reuniam para ficar batendo papo. Vendo esse movimento, foi sugerido, por um amigo, a criação de um clube de mães:

A gente se reunia, sabe? Toda a mulherada, quando não tinha o que fazer, a gente se reunia e ficava batendo papo. A gente já tinha vontade de participar, mas a gente não sabia como começar, sabe? A gente não sabia como reivindicar nada. Um dia a gente começou e quando pensou que não, estava formando o clube, mas não tinha um lugar pra gente ficar. Começamos fazendo reunião, colocamos nome e ficamos na minha casa, a gente se reunia na minha casa. Aí começamos a fazer uns cursos, a gente tava aprendendo... quem sabia fazer bordado, ensinava pra outra. A outra que sabia costura, ensinava pra outra. E assim a gente foi caminhando.

Tivemos a ideia de construir o clube, aí uma menina cedeu uma casa, aí ficamos. Depois ela precisou da casa e a gente voltamos de novo para a minha casa. Aí quando foi um dia, tinha uma proposta de fazer um posto de saúde, aí o meu cunhado doou o terreno, mas teve uns contratemplos e não teve como fazer o posto, aí ele foi e doou pro Clube de Mães, e a gente mulheres fomos se reunindo e a gente construiu nosso Clube. Aí nós tínhamos o nosso próprio prédio [...] foi passado documento. E assim a gente continua até hoje e através do Clube, já veio o banco de sementes, já vem outras coisas e a gente vai continuando no nosso Clube (Dona Luiza, maio de 2022).

O Clube foi registrado com o nome da mãe de dona Zefinha e dona Luiza, que se chamava Iracema da Silva Gomes. Dona Zefinha explica a escolha;

O nome é Iracema da Silva Gomes. Foi... era minha mãe, né? Então, foi um nome escolhido, ainda ela viva ainda... foi uma das primeiras fundadoras do clube. Quando foi registrar, fazer tudo direitinho, a gente foi escolher o nome, aí a gente colocou: ‘vamos homenagear quem? Tem que ser alguém na comunidade que tenha história, que tenha feito alguma coisa na comunidade, ninguém vai botar nome de ninguém lá de fora que ninguém conheça não’. Aí foi feita a votação, todo mundo, nessa época tinha quase 60 sócias, aí todo mundo escolheu o nome dela. Porque ela era muito

extrovertida... era a vida dela, sabe? Ai ela era muito amiga. Ai disse: 'vamos colocar o nome de dona Iracema' ai ficou Clube de Mães Iracema da Silva Gomes, que era o nome dela (Dona Zefinha, janeiro de 2021).

Figuras 2 e 3- Clube de Mães Iracema da Silva Gomes



Fonte: Dona Zefinha, 2021.

O banco de sementes é fruto das ações do Clube de Mães, criado em 2017 por meio das práticas associativas que se desenvolvem nos encontros e de sociabilidade das mães agricultoras que fazem parte do Clube. Práticas associativas que resguardam a conservação da biodiversidade e atendem aos interesses, as demandas, as necessidades coletivas das mulheres e que não contam com instituições políticas mediadoras, como relatou dona Zefinha:

Figura 4 - Sementes Crioulas do Clube de Mães



Mas esse nosso banco, ele tem uma ajuda da nossa própria organização, não temos partidos políticos no meio, a Prefeitura também não nos ajuda. Nós não tem uma atuação na comunidade rural, nossa prefeitura daqui, é assim... A ajuda que a gente tem é desses italianos e dos jovens que tem na comunidade de São José da Mata, no distrito, que foi quem fez as oficinas com a gente e quem correu atrás da formação... Veio universitário, o pessoal da universidade aqui de Campina e fez a formação com a gente. A gente teve 6 meses de oficina, né? Ai tivemos o acompanhamento de agrônomo, mas assim, tudo trabalho voluntário, né? Mas assim, de sindicato, pessoal da Prefeitura, Secretaria da Agricultura... nós não tivemos, nós não temos

apoio nenhum, formação nenhuma com esse pessoal, não. É a gente e Deus (Dona Zefinha, Janeiro de 2022).

Considerações Finais

As guardiãs de sementes da paixão são fundamentais para a preservação das variedades crioulas. Mulheres e homens, muitas vezes trabalhando em casa ou em bancos de sementes, garantem a continuidade das sementes. A conservação on-farm⁴ e in situ⁵, ou seja, no próprio local de cultivo, é essencial para manter a diversidade agrícola. Em contraste ao agronegócio, que foca em poucas variedades como milho, soja, cana-de-açúcar, algodão, trigo e eucalipto, a agricultura familiar mantém a diversidade alimentar, vital para a saúde humana e ambiental.

A proteção das sementes e os modos de vida aqui respectivamente empregados, expressam resistência ao processo de modificação cultural e genética em tempos de supremacia da agricultura moderna. Do mesmo modo, as sementes crioulas, “enquanto ‘bens’ impossíveis de serem patenteados ou protegidos por regimes de propriedade intelectual, sempre estiveram presentes no seio da agricultura” e carregam as histórias de gerações e gerações (Benvegnú, 2017, p. 67). Em concordância, Pinto et al. (2020), afirmam que as sementes crioulas:

São sementes que traduzem um modo de vivência e sobrevivência moldado na luta contra um sistema que expropria o direito do agricultor de relacionar-se livremente com a natureza à sua volta sem que seja pelo viés da lógica operante de mercantilização da vida. Mercantilizam a vida da planta, os saberes envolvidos na prática social do manejo da lavoura e com isso, mercantilizam o modo de viver dos homens e mulheres do campo (Pinto et al., 2020, p. 181).

Sendo assim, reunir-se para armazenar, selecionar e cultivar as sementes, ou ainda, o trabalho conjunto das associadas para a produção de remédios e artesanatos, configuram processos de cooperação que vão além do ato de cultivar. Com base nas narrativas apresentadas, busquei demonstrar como as experiências associativas das guardiãs de sementes da paixão da Paraíba, destacadas nas reuniões do banco de sementes de Itatuba e na criação do Clube de Mães em Campina Grande, são fundamentais para a conservação das sementes crioulas e para a promoção da

⁴ O método de conservação on farm é a forma mais antiga de conservação já praticada desde a descoberta da agricultura. Este método prevê a conservação de variedades locais por agricultores e agricultoras nas unidades de produção familiares. (Gofi, 2017).

⁵ Este método “tende a deixar espécies no seu habitat natural, criando adaptações e evolução constantes, sendo aplicadas estas ferramentas em conservação da agrobiodiversidade na conservação de espécies, onde manter o sistema de cultivo seria um incentivo para manter o manejo humano por meio do qual a diversidade genética foi gerada ou foi domesticada” (Gofi, 2017, p. 44).

autonomia das mulheres e das famílias. De igual modo, é possível observar o papel político desenvolvido no fortalecimento da organização comunitária, o qual desafia as estruturas de poder estabelecidas e promove a justiça social, evidenciando como práticas agrícolas tradicionais estão intrinsecamente ligadas à luta por direitos e por uma sociedade “justa, solidária e equitativa”.

Referências Bibliográficas

ALENTEJANO, P. A questão agrária no Brasil. In: BARBOZA, D. R.; BOTELHO, J. (Orgs.). **Lutas sociais e a ofensiva do capital no Brasil contemporâneo: desafios e estratégias de organização da classe trabalhadora**. Uberlândia, Navegando Publicações, 2020 p. 225-250.

BENVEGNÚ, V. C. **As sementes do lugar: políticas locais e desenvolvimento rural no Rio Grande do Sul meridional**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento Rural da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS. 150f. Porto Alegre. 2017.

DA SILVA MORAES, L. G. O associativismo rural e a lógica da ação coletiva: reflexões sobre motivação e engajamento. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 5, p. 1–22, 2021. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/8430>.

FURTADO DA SILVA, A. C. G.; FORMIGHIERI GIORDANI, R. C.; BEZERRA, I. Elos entre ecofeminismo, agroecologia e soberania alimentar. **Tensões Mundiais**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 113–132, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/2926>.

GOFI, R. **O processo de sucessão familiar em famílias guardiãs de sementes crioulas: estudo de caso no município de Anchieta/SC**. Dissertação (mestrado profissional) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Agroecossistemas, Florianópolis, 2017.

MCMICHAEL, Philip. **Regimes Alimentares e Questões Agrárias**. São Paulo: Editora Unesp e Editora da UFRGS, 2016. 256 p.

NEVES, D. P. O associativismo e imposição do agricultor solidário. In: BERGAMASCO, S.M.P.P.; OLIVEIRA, J.T.A; ESQUERDO, V.F. de S. (Org.) **Assentamentos Rurais no Século XXI: temas recorrentes**. Campinas: FEAGRI/UNICAMP/INCRA-SP, 2011, p.115-144.

OROZCO, A. P.. El Conflicto Capital-Vida: Aportes Desde Los Feminismos. **Revista Trabalho Necessário**, v. 19, n. 38, p. 54-66, 2021. Disponível em: <https://Doi.Org/10.22409/Tn.V19i38.45907>.

PAULINO, J. S.; GOMES, R. A. Sementes da Paixão: agroecologia e resgate da tradição. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. 2015, v. 53, n. 3. pp. 517-528. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1234-56781806-9479005303008>.

PEREIRA, M. L. **Perspectiva histórica da agricultura familiar no Brasil:** abrangência conceitual e alterações legislativas. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2131/tde-21082020-011648/>.

PINTO, T. H. O. et al. A integração de saberes por meio da temática das sementes crioulas na formação de professores de ciências para o campo. **Ensino, Saúde e Ambiente**, [s. l], v. 13, n. 2, p. 177-198, 2020.

SEIBERT, I. G. **Feminismo camponês popular:** contribuição das mulheres camponesas a luta de transformação social. 2019. 174 f. il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais)—Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TESCHE, R. W. **As relações de reciprocidade e redes de cooperação no desempenho socioeconômico da agricultura familiar:** o caso dos produtores de leite do município de Sete de Setembro/RS. Porto Alegre, 2007. 147 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2008.